

## SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: A EDUCAÇÃO SEXUAL NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

Giseli Monteiro Gagliotto<sup>1</sup>  
(Unioeste – Campus de Francisco Beltrão)

Tatiane Lembeck<sup>2</sup>  
(Unioeste – Campus de Francisco Beltrão)

**Resumo:** O estudo propõe uma discussão teórica em torno do tratamento da sexualidade no ambiente institucional-escolar. A questão da sexualidade é tratada buscando ênfase na dinâmica psicossocial da adolescência no âmbito da escola apontando para os modelos sexuais hegemônicos e dominantes na sociedade atual. O objetivo central está em caracterizar a adolescência e as contradições dela na cultura institucional brasileira, apontando alternativas para a superação dos modelos sexuais presentes na educação sexual entre a família, a escola e a sociedade. Como ponto de destaque, trata da importância da formação de professores em educação sexual numa perspectiva emancipatória.

**Palavras-Chave:** Sexualidade; Educação sexual emancipatória; Adolescência.

## ADOLESCENCE AND SEXUALITY: SEXUAL EDUCATION IN AN EMANCIPATORY PERSPECTIVE

**Abstract:** This study proposes a theoretical debate on the treatment of sexuality in the institutional environment-school. The issue of sexuality is treated seeking emphasis on psychosocial dynamics of adolescence within the school pointing to the hegemonic and dominant sexual models in society today. The central objective is to characterize the adolescence and the contradictions of institutional culture in Brazil, pointing out alternatives to overcome the sexual models present sex education among family, school and society. As a point of emphasis, addresses the importance of teacher training in sexual education an emancipatory perspective.

**Keywords:** Sexuality; Sexual education emancipation; Adolescence.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - *Campus* de Francisco Beltrão. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas "Educação e Sociedade" (GEDUS), no qual coordena as linhas de pesquisas intituladas "Práticas Político-Educacionais: aspectos filosóficos, sociológicos e psicológicos" e "Infância, Sexualidade e Literatura". E-mail: giseligagliotto@ig.com.br.

<sup>2</sup> Pedagoga pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) - *Campus* de Francisco Beltrão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas "Educação e Sociedade" (GEDUS-Unioeste). E-mail: tatianelembeck@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Sexual nos espaços educativos vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais. Tal educação possibilita o desenvolvimento de professores e alunos de maneira a viverem a sua sexualidade de forma mais responsável, prazerosa, fazendo com que a sexualidade humana seja encarada como um dos elementos que compõem a identidade pessoal e entendida como processo de desenvolvimento integral de cada indivíduo social.

## 2 A SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Segundo Gagliotto (2009), a educação é definida pela:

[...] produção do homem para a vida em sociedade, produção dos equipamentos humanos, produção da organização da condição humana [...] é transmissão formal dos conhecimentos, das habilidades, das disposições mentais, éticas, estéticas, comportamentais e sociais. (p.160-161).

A autora afirma que a educação é uma forma de hominização, ou seja, é uma forma de o homem se fazer homem, organizando sua relação com o meio social, com o trabalho e com a natureza. Gagliotto (2009) assim define:

A escola é um equipamento social, uma invenção que se distingue pela produção de conhecimentos, transmissão de habilidades, transmissão de disposições simbólicas, ideias, valores, disposições materiais, comportamentais, elementos socialmente produzidos; é uma organização de atividades de uma determinada sociedade. (p. 160)

A escola é um espaço que preenche lacunas, erradica preconceitos, tem o poder de aprofundar informações e por que não afirmar que esta pode, sim, propiciar uma visão ampla e diversa das opiniões sobre os temas da sexualidade. Mas, qual é o papel que a escola deve deter a respeito do tema sexualidade? Cabe à escola e ao professor orientar seus alunos a respeito da sexualidade? Os professores têm condições de trabalhar o assunto com os alunos? Bernardi (1985), a respeito do papel da escola na educação sexual, afirma que:

Como a família, a escola é uma instituição que tende a conservar a si própria. Mediante o uso de professores, horários, programas, matérias de

estudo, livros de textos, classificações de tipo seletivo, providências punitivas, etc., a escola submete o aluno a um condicionamento maciço com objetivos que praticamente se justapõem aos da família: respeito pela autoridade, obediência, repetição de uma determinada fórmula comportamental, aspirações por valores pré-estabelecidos. A escola trabalha para que o sistema permaneça vivo sem mudanças qualitativas. A escolarização, diretamente ligada à manutenção e ao reforço da ordem social existente age de modo a defender os esteios primários dessa sociedade e, entre estes, a instituição familiar. A empresa requer duas ações: suprimir todo o gesto sexual que não esteja orientado à fundação da família e remover os impulsos e os desejos que possam sugerir o ato sexual cujo fim não seja um matrimônio codificado. Daí derivam duas regras escolares: a proibição absoluta de qualquer comportamento sexual e a desqualificação da sexualidade. Em resumo, a escola é dessexualizada e dessexualizante. (p. 25).

A escola hoje vem apresentando inúmeras dificuldades. Uma delas é a ligação a modelos educacionais representantes dos interesses da ideologia dominante, que reproduzem as desigualdades sociais e preconceitos, seguindo com má qualidade do ensino, péssimas condições de trabalho, dificuldades na formação dos educadores, salários não condizentes e desvalorização do profissional, o que vem resultando em educadores desmotivados. Esse modelo de educação burguesa responsável por moldar os comportamentos humanos transformou nossa sociedade em seres alienados e preconceituosos, sendo que o processo educativo perpetua os interesses das classes dominantes e faz do homem um simples realizador de tarefas. Nesse processo, o educador apenas repassa conteúdos meramente informativos, prontos e acabados; dificultando a formação de cidadãos críticos, criativos, seres pensantes e capazes de transformar suas vidas.

Na escola, o professor, além disso, se sente inseguro ao tratar do tema sexualidade, possui bloqueios pessoais e, acima disso, ainda tem medo das consequências do seu trabalho junto aos pais e à comunidade. De que maneira superar esses bloqueios e preconceitos, para compreender a sexualidade e possibilitar uma educação sexual não biologizante, mas, sim, emancipatória?

Realizar orientação sexual na escola era proibido oficialmente. Atualmente o momento é outro. A escola não pode mais fugir ao seu papel de educadora e ignorar a questão sexual do aluno e tampouco acreditar que, dando apenas informações biológicas, como palestras uma vez ao ano, já está fazendo educação sexual; Aquino (1997, p. 20) afirma que “[...] a escola não é herdeira de uma *ars erótica*, mas sim da *scientia sexualis*.” Essas maneiras de trabalhar a sexualidade se resumem a posturas autoritárias e dogmáticas, posturas por meio das quais o sexo é ligado geralmente à morte e não à vida. É preciso, portanto, ir além dessa perspectiva.

Aquino (1997) afirma que os adolescentes praticamente imploram para que se fale no assunto sexualidade, com a seguinte observação:

Mesmo comumente pensada como um exercício exterior aos muros escolares, a sexualidade insiste em mostrar seus efeitos, deixar seus vestígios no corpo da instituição. Seria mais legítimo dizer que ela se inscreve literalmente, às vezes, na estrutura das práticas escolares. Exemplo disso? As pichações nos banheiros, nas carteiras, os bilhetes trocados, as mensagens insinuantes. O que dizer, então, dos olhares à procura de decotes arrojados, braguilhas abertas, pernas descobertas? E aquele(a) professor(a), ou colega de sala, para sempre lembrado(a) como objeto de uma paixão juvenil? (p. 9).

Se a escola não trata da questão sexual ou se esta trabalha apenas a questão biológica da sexualidade, ela está transmitindo aos alunos que o assunto é mesmo um tabu, do qual não se pode falar. A omissão da escola e da família faz com que as crianças e os adolescentes busquem informações sobre o assunto em fontes bem menos seguras, como em revistas, internet, na rua com “amigos”, tão despreparados quanto eles. Dessa forma, de um jeito ou de outro, está acontecendo uma educação sexual.

O adolescente mal informado ou desinformado resultará em um adulto infeliz com sua sexualidade e que nunca vai se sentir plenamente realizado. Para Vasconcelos (1971), educação sexual emancipatória:

[...] é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais, e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não apanha a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor. (p. 111).

Educação sexual é muito mais do que meramente falar do sistema reprodutor e de doenças sexualmente transmissíveis. Uma verdadeira educação sexual precisa abranger a sexualidade humana como um todo, superando o senso comum e possibilitando o esclarecimento das dúvidas de forma compreensiva e amigável; minimizando assim a repressão que faz do sexo um ato sujo e pecaminoso; abrindo caminho para uma transformação social, sendo que, para alcançarmos uma educação sexual verdadeiramente emancipatória, é preciso superar toda a cultura velha e decadente que ainda vem sendo arrastada e trabalhar sob um conceito novo e que tenha capacidade de superar todos os

preconceitos que assombram a sexualidade do ser humano. Ainda sobre educação sexual, Nunes e Silva (1997) acrescentam:

A Educação Sexual é a construção do erotismo, isto é, a capacidade de relacionar-se com o mundo da natureza e com os demais seres humanos de maneira singular e subjetiva. As potencialidades afetivas e as dimensões de encontro e significação desta realizam a distinção humana de poder usufruir com a gratuidade do desejo, as densidades relacionais do erotismo. Educação Sexual, assim pensada, significa buscar criar as condições para uma apropriação erótica da existência, um convite amoroso a uma singular expressão prazerosa e gratificante do seu ser no mundo. (p. 116).

A questão que precisa ser rapidamente decidida é: – Quem será o responsável por conduzir o trabalho de “educador sexual” na escola? –Qual educação sexual será trabalhada? No primeiro momento a escola precisa reunir sua equipe e discutir com os membros as ideias sugeridas, e, a partir dessas, decidir a forma mais viável de trabalhar a respeito. E em sequência é preciso capacitar o “orientador sexual”. Ele precisa querer aprender e estudar sobre o tema; e quem melhor que o professor para conduzir essas tarefas junto às crianças e aos adolescentes se ele já está em contato diariamente com eles e já possui certo vínculo de amizade e de compreensão?

O professor de ciências, na maioria das escolas, acaba sendo o responsável por trabalhar o tema, por dominar o conteúdo biológico, sendo que a visão biologizante de sexualidade ainda predomina; certamente ele tem muito a contribuir, mas o complicado de lidar não é a parte biológica ligada à sexualidade, e sim a discussão dos valores e dos comportamentos ligados à vida sexual; os determinantes históricos, políticos e sociais que estão envolvidos. O orientador sexual, mais que dominar os fatores biológicos do sexo, precisa principalmente saber conduzir debates, pois o adolescente quer saber, falar, discutir sua realidade sexual. O papel do educador é ajudar o adolescente nas tomadas de decisões de maneira responsável, abrindo espaços para novas descobertas. Uma educação sexual emancipatória só acontece se baseada em uma boa capacitação do sujeito responsável aqui chamado de “educador sexual”, sendo que ele precisa assumir uma visão ampla e compreensiva da diversidade abrangente da sexualidade, capaz de superar os falsos moralismos.

A educação sexual deve ser realizada de acordo com a realidade da comunidade e, principalmente, em função dos valores, dos costumes, das crenças dos orientadores e dos jovens e das famílias aos quais o trabalho se destina. O objetivo é que os adolescentes questionem, reflitam e encontrem os próprios valores, recebendo, de maneira crítica, as

informações e as opiniões repassadas pelo orientador. A escola não deve pregar contra ou a favor de qualquer posição, e sim promover debates e trabalhar com ênfase na responsabilidade e no respeito que uma pessoa tem que ter por si mesma e pelo outro. A escola precisa ser ética. A responsabilidade de se posicionar a respeito do certo ou do errado quanto aos valores agregados à sexualidade deve ser da família.

### **3 A QUESTÃO DA SEXUALIDADE NA DINÂMICA PSICOSSOCIAL DA ADOLESCÊNCIA**

A busca por abordagens científicas constitui-se no primeiro passo para se compreender a sexualidade do adolescente. De acordo com Nunes e Silva (2001):

[...] nenhum *adolescente* é um *aborrecente*, como se diz no cotidiano. Ao contrário, a adolescência é um importantíssimo período do desenvolvimento psicossocial, marcado pela riqueza das transformações corporais, psíquicas e sociais. [...] uma etapa bela e única da vida, que deve ser serenamente compreendida para ser plenamente vivenciada. (p. 26).

A partir do conceito de adolescência é possível perceber a riqueza dessa fase da vida do ser humano. Confundem-se muitas vezes, no senso comum, os termos puberdade e adolescência, muito embora não se possa tratá-los como sinônimos. A puberdade é marcada pelas mudanças corporais, pelo desenvolvimento físico, isto é, representa o amadurecimento biológico do corpo. Já a adolescência inclui aspectos psicológicos e comportamentais; representa mudanças na forma de ver e de compreender o mundo; de conhecer-se e de impor-se como sujeito neste mundo.

Essa é a etapa na qual o ser humano enfrenta as maiores dificuldades e modificações no processo de vida, pois seu papel perante a sociedade vai se transformando em todos os sentidos: sexual, afetivo, social, psicológico e profissional, tornando-se necessária a busca da sua identidade social. Essa fase é marcada por conflitos sociais (familiares, escolares e comunitários) importantes para o processo de desenvolvimento humano, mas que podem agravar-se caso os adultos não estejam preparados para lidarem com esses conflitos de maneira compreensiva, com tantos acontecimentos e transformações que ocorrem com os adolescentes. É fundamental estabelecer com o adolescente uma relação de diálogo, de afeto e de parceria. A vivência plena e menos dolorosa da adolescência depende da qualidade da relação estabelecida entre o adolescente e o mundo adulto.

É certo que, em todas as sociedades, a adolescência se faz presente, mas não é um fenômeno universal, ou seja; na nossa sociedade, o adolescente é um ser em desenvolvimento que necessita de compreensão e de afeto, e que economicamente depende da família para sobreviver. Em outras formas de organização social não é assim. Em algumas sociedades primitivas, por exemplo, a criança passa por certos rituais, assim se preparando para entrar no mundo adulto. Esse processo de preparação se dá lentamente desde a infância, para que, quando chegar o momento de assumir as responsabilidades de adulto, isso ocorra sem conflitos.

É importante compreender que a forma como a adolescência é vivenciada em nossa sociedade não é única no mundo. Existem inúmeras culturas e civilizações nas quais o desenvolvimento do ser humano é visto de outras maneiras bem diferenciadas. Não cabe aqui identificar essas inúmeras culturas, mas estimular a busca do interesse de cada um em conhecer e em definir qual é a melhor forma de educar e de ajudar nossos adolescentes.

Para auxiliar o entendimento sobre a adolescência é preciso avaliar o meio onde o indivíduo está inserido, como se deu seu processo de desenvolvimento psicológico, biológico e cultural, pois esses são fatores importantíssimos para o desenvolvimento do adolescente de forma plena.

A classe social e familiar onde o adolescente está inserido é um fator muito importante para que possamos entender o seu comportamento, pois, dependendo da realidade na qual convive, sua forma de desenvolvimento será distinta. Significa que os comportamentos dos adolescentes variam de acordo com a realidade social em que vivem e que essa realidade está determinada pelas suas condições materiais de sobrevivência. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência e, ainda, que, pela própria lógica das contradições dialéticas, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, sucedendo-se uma época de revolução social (MARX, 1987).

A adolescência é permeada por muitos questionamentos e por muitas preocupações. Há dúvidas dos meninos em relação ao tamanho do pênis e das meninas com o formato dos seios, e ambos se sentem angustiados quanto ao momento certo da primeira relação sexual, se seu corpo já pode ou não exercer esse papel. Nessa fase, a aparência física é muito valorizada pelos púberes. É por isso que se perturbam com o aparecimento de cravos e de espinhas próprios dessa fase da vida.

Becker (1994) busca explicar, através de teorias psicanalíticas, o significado do sofrimento do adolescente perante as chamadas “perdas” ou “lutos”:

[...] o luto pelo papel infantil: a perda dos privilégios da criança, o temor das responsabilidades do adulto; o luto pelo corpo infantil perdido, que já era um “velho conhecido”: o jovem sentir-se-á impotente diante das transformações incontroláveis que sofre; o luto pelos pais da infância – seria talvez a mais importante. A criança é muito identificada com seus pais, e conta com a proteção e o apoio deles em todos os momentos. Sua autonomia está na dependência direta da permissividade dos pais. (p. 37-38).

O adolescente, movido por tantas transformações físicas e psicológicas, acredita não ser uma pessoa normal, até mesmo porque vivencia uma duplicidade na relação consigo e com o mundo. Entra em conflito com o novo corpo e com os novos sentimentos. Ao mesmo tempo em que quer tomar distância dos pais protetores da infância, teme perder o amor deles e o colo de quando ainda era criança. Começa a ver os pais como seres reais (com limites e defeitos) e não ideais (perfeitos e onipotentes) e por isso criticam seus pais buscando mostrar sua elaboração de um eu com novo ponto de vista.

Convém salientar que todas essas reações são normais e necessárias para a estruturação de uma personalidade adulta. É um momento de “crises”, crises muitas vezes interpretadas pelos familiares e pela sociedade como rebeldia, agressividade, mas que, na verdade, são um avanço, pois o adolescente precisa enfrentar essas “crises” como ponte para adentrar o mundo adulto.

#### **4 MODELOS SEXUAIS HEGEMÔNICOS NA SOCIEDADE ATUAL**

A repressão sexual que imperou no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX sofreu transformações com as alterações do mundo capitalista. O advento da Segunda Guerra Mundial fez emergir um novo modelo econômico e social no qual o capitalismo norte-americano foi reconhecido como hegemônico. O progresso tecnológico, o desenvolvimento da mídia e a ascensão das comunicações se constituíram, nos mais novos e eficazes aparelhos ideológicos de inculcação consumista. De um lado, muitos foram os movimentos sociais de contestação emergentes no período pós-guerra, pois grupos feministas, negros e homossexuais proclamavam a liberação sexual como alavanca de outras exigências de liberdade. Por outro, o capitalismo, de maneira astuta, absorveu esse grito de liberdade da sexualidade a seu favor, transformando os movimentos populares em propaganda consumista. Sexo e anseios sexuais

passam a ser vendidos, a luta feminina é estigmatizada e o corpo da mulher é tornado mais um objeto de consumo (TUCKMANTEL, 2009).

Hoje nós temos descargas orgásticas pontuais e não temos afetividade. A questão da sexualidade passou a ser uma técnica de retirar mais prazer de tal órgão do corpo, negando a subjetividade da dimensão humana. Corroboramos a posição de Gagliotto (2009) quando afirma:

O sexo virou mercadoria que pode ser comprada e vendida como outro produto qualquer. Essa padronização compulsiva e coletiva de fazer da sexualidade uma moeda de troca representa a ausência de ética, de estética e de liberdade humana. É uma forma de ditadura e repressão que obriga e submete o homem ao exercício de uma sexualidade impessoal, instantânea, fugaz, sem afeto, mecânica, quantitativa, desertizada e consumista. Essa busca insaciável, funcional, genital, ilimitada e banalizadora do sentido humanizador da sexualidade é disseminada coletivamente porque carrega a ideia ilusória de liberdade e poder que se camufla nas estruturas sociais, políticas e econômicas do mundo capitalista globalizado. (p. 33-34).

Na Idade Média havia a negação do sexo. Hoje há uma ditadura para a exibição do sexo. As gerações na atualidade são compelidas a praticarem uma sexualidade mecânica, genital, quantitativa, irresponsável e desumana. Gagliotto (2009) adverte que:

Os ideais éticos, estéticos, políticos, econômicos e sociais modernos, até então constituídos, sofreram novas e profundas transformações no século XX (no período pós-guerra) consubstanciando-se no que se convencionou chamar de pós-modernidade. Nessa teia de relações, o “corpo produtor” torna-se obsoleto e descartável; perde a vez para o “corpo consumidor”, que incorpora uma identidade de mercadoria. Se, antes, o que o interessava à sociedade era a força de trabalho do corpo produtor; no contexto do capitalismo globalizado, o que importa é o corpo consumista e consumível. (p.33).

Através dos meios de comunicação de massa são estabelecidos os padrões de beleza, do corpo perfeito, das roupas da moda, do carro do ano, etc. A mídia estabelece os padrões e impulsiona o consumismo, utilizando-se de apelos à sexualidade. Mulheres e homens belos usam do poder da sedução na televisão, que age como uma “*medusa*” frente aos seus admiradores, os quais, petrificados e hipnotizados, acreditam no falso erotismo, quando o que ocorre na verdade é a banalização do sexo e o princípio da desertização. O sexo deixa de ser um ato de amor e afetividade e passa a ser apenas um ato restrito com objetivo de proporcionar o prazer imediato e fugaz.

A sociedade contemporânea transformou os indivíduos em seres humanos complexados; buscando uma aparência impecável, roupas de acordo com as tendências da moda, cirurgias para aperfeiçoar os traçados do corpo; buscam aparecer perante a sociedade como alguém desejado, cobiçado e clamam por atenção nem que para isso precisem pagar inúmeras parcelas em lojas e salões de embelezamento.

Vanessa da Mata expressa toda essa realidade do consumismo vivenciado na sociedade contemporânea em sua música “Bolsa de Grife”:

Comprei uma bolsa de grife / Mas ouçam que cara de pau / Ela disse que ia me dar amor/ Acreditei que horror / Ela disse que ia me curar a gripe/ Desconfiei mas comprei/ Comprei a bolsa cara pra me curar do mal/ Ela disse que me curava o fogo/ Achei que era normal/ Ela disse que gritava e pedia socorro/ Achei natural/ Ainda tenho a angústia e a sede/ A solidão, a gripe e a dor/ E a sensação de muita tolice/ Nas prestações que eu pago/ Pela tal bolsa de grife/ Nem pensei/ Impulso/ Pra sanar um momento/ Silenciar barulhos/ Me esqueci de respirar/ Um, dois, três/ Eu paro/ Hoje sei que tenho tudo/ Será?/ Escrevi em meu colar/ Dentro há o que procuro/ Meu amigo comprou um carro para se curar do mal.

A sociedade vive como se estivesse em um contínuo espetáculo, no qual todas as pessoas precisam lutar por suas carreiras, as quais dependem da melhor imagem que se fizer dela, e dos seus acessórios. O que vem ocorrendo com os indivíduos é uma insatisfação generalizada consigo mesmo, pois os padrões de beleza incitados pela propaganda, corpos magros, esbeltos, olhos azuis, pele clara, não condizem com o tipo físico mais frequente ou predominante na sociedade brasileira. Vale lembrar que a origem do povo brasileiro está constituída de uma grande maioria negra africana. As principais vítimas dessas padronizações de beleza são os adolescentes, pois, ao não se enquadrarem nos requisitos de beleza transmitidos pela mídia; acham-se “feios”, não conseguem autoconhecer-se e tampouco aceitar-se, sendo que esses aspectos são pré-requisitos para uma vivência prazerosa nas relações afetivas.

Foi na década de 1950 que se iniciaram as mudanças que resultaram no modelo de vivência sexual presente na sociedade contemporânea. Os principais fatores que marcaram a história da sexualidade no final do século XX e início do século XXI foram a biotecnologia, a AIDS e a sexologia. A primeira deu à sociedade o sexo sem procriação ou a procriação sem sexo, ou seja, pílula anticoncepcional e fertilização com doador ou *in vitro*. As pesquisas sobre a AIDS (1990) foram responsáveis por introduzir no indivíduo a noção de parceiro de risco; o sexo colocado como algo perigoso; se relacionar com mais de um parceiro ou ter relações homossexuais significava ser também um parceiro de risco, pois aumentava

consideravelmente as chances de contaminar-se com o vírus HIV. O terceiro aspecto da transformação científica da sexualidade refere-se à sexologia; essa quase que substituiu as longas terapias psicanalíticas com promessas de orgasmos rápidos e intensos, no qual o prazer do orgasmo se transforma em “dever do orgasmo”, por meio do que o sexo é quantificado e não qualificado; essa busca do orgasmo a qualquer preço por meios mecanizados transforma o ser humano em “máquinas sexuais”, nas quais a performance se torna uma obsessão e o direito uma meta de resultados e de desempenho.

O orgasmo é, sem dúvida, o ponto culminante do prazer; é algo bom que contribui para a vivência de uma sexualidade feliz. Deve, no entanto, a busca pelo orgasmo ser algo livre, mesmo que a liberdade escolhida pelo indivíduo não seja condizente com a dita “verdadeira liberdade”, pois nem por isso a liberdade pode ser condenada. A sexualidade precisa ser autêntica, escolhida e sem culpa. Nesse sentido, Nunes (1996) alerta que:

É de fundamental importância destacarmos a necessidade da crítica à sexualidade consumista, esta sim também desumanizadora, reduzindo corpos e pessoas a um conjunto de experiências vorazes, frustrantes e compensatórias de grandes ausências de sentido, sugerindo a existência de problemas, muito mais complexos. (p. 229).

Chegamos ao final da primeira década do século XXI e o momento ainda é de transição; hoje é possível conjugar uma igualdade de sexos, mesmo tendo conhecimento de que algumas coisas ainda precisam ser superadas, como, por exemplo, a diferença entre os salários de homens e de mulheres. Essa igualdade de sexos é um fenômeno grandioso frente às tradições teológicas e médicas repressoras. A humanidade conseguiu superar alguns dos tantos obstáculos nas discussões de gênero; no entanto é preciso inaugurar, a cada dia, um novo projeto existencial fundado na liberdade do ser humano.

## **5 A CARACTERIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA E SUAS CONTRADIÇÕES NA CULTURA INSTITUCIONAL BRASILEIRA**

Para tentar entender o adolescente é preciso que se olhe para ele de perspectivas bem mais amplas que as tradicionais. Existe a necessidade básica de compreendermos que não existe uma adolescência, e sim várias. O próprio conceito de que ela é um fenômeno universal é bastante duvidoso. Existem sociedades nas quais a passagem da vida infantil para a adulta se faz gradativamente. A criança vai recebendo funções e direitos até que atinja plenamente a condição de adulto, o que faz desaparecer as características do que chamamos de “crise de

adolescência”. Em outras sociedades existe um ritual de passagem (geralmente quando começam as transformações físicas da puberdade), após o qual se conferem ao indivíduo todos os direitos e todas as responsabilidades do adulto. Esses rituais envolvem, muitas vezes, um intenso sofrimento psíquico e físico, mas eles podem facilitar o processo de integração à sociedade adulta e favorecer o desenvolvimento da autoestima, da identidade e da segurança no jovem. Em nossa sociedade, a adolescência vem se tornando um período cada vez mais longo e complexo. Por um lado, muitos adolescentes atravessam esse período absolutamente imune a qualquer tipo de crise. Simplesmente vivem, adquirem ou não determinados valores, ideias e comportamentos e chegam à idade adulta.

Por outro lado, a própria definição do “ser adulto” fica cada vez mais fragmentada e confusa. Exigem-se dos jovens atitudes que eles não podem tomar. Ao mesmo tempo lhes são negados direitos e liberdades que eles querem, podem e precisam exercer. Enquanto lida com seus conflitos interiores e com suas mudanças corporais, o adolescente se encontra em uma sociedade contraditória e cuja complexidade gera muita confusão em sua cabeça. Ele se defronta hoje com uma cultura em intensa mutação, em que há valores velhos e decadentes se contrapondo às novas ideias e aos novos conceitos, sem que haja sequer tempo para sua assimilação.

## **6 ALTERNATIVAS PARA A SUPERAÇÃO DOS MODELOS ATUAIS**

Na sociedade contemporânea, o comportamento dos indivíduos é codificado de acordo com os sexos; o resultado dessa diferenciação é a duplicidade de valores e oposições entre eles. Criou-se uma expectativa em relação ao comportamento da mulher e ao comportamento do homem. A mulher precisa ser frágil, dependente e passiva, enquanto o homem deve ser forte, agressivo e independente.

Essa diferenciação entre os sexos não é feita apenas pelo fator biológico, pois o principal responsável resulta de normas sociais. São essas normas que impedem a participação igualitária dos dois sexos nos vários planos sociais. A divisão de papéis em feminino e masculino é um ato muito precoce e ocorre quando as crianças ainda não são capazes de intervir com senso crítico próprio. Esses estereótipos que diferenciam o homem e a mulher passam a ser, então, condicionantes da personalidade de cada ser humano pelo resto de sua vida. A possibilidade de superar mais esse preconceito está na aceitação

igualitária do sexo do bebê e a ausência de tratamentos diferenciados para meninos e meninas na família, depois na escola.

A família encontra-se ausente para responder às dúvidas dos adolescentes, e a escola e os professores agem como indivíduos assexuados. Os professores, na grande maioria, agem como se, no espaço escolar, não existisse sexualidade ou como sendo um lugar proibido de se falar, discutir ou perguntar sobre sexo e sexualidade, como também comunicar-se e expressar-se usando uma linguagem diferente da linguagem padrão e aceita no meio escolar e na classe dominante.

Em meio a tanta desinformação, medo, autoritarismo, angústia e incompreensão, é necessário e urgente que a escola abra espaço para que os adolescentes possam discutir, debater, enriquecer e sanar as dúvidas que permeiam essa fase da vida. Consideramos algumas questões fundamentais para desenvolver uma educação sexual escolar que resgate, apoie e construa adolescentes mais críticos, felizes, vivenciando a sexualidade de forma positiva, prazerosa, afetiva e integral.

Primeiramente, tratar da sexualidade na escola requer uma reeducação dos profissionais da educação que estão em contato direto com os adolescentes. Essa reeducação deve buscar, através de fundamentação teórica e científica, discutir e debater a sexualidade humana numa dimensão histórica, antropológica, filosófica, biológica, psicológica e pedagógica, a fim de compreender e ter um relacionamento que possa colaborar com o seu desenvolvimento. É somente através do conhecimento científico que vamos conquistar a confiança e o respeito dos nossos adolescentes. É uma tarefa que implica grandes desafios, estruturais e conjunturais.

Ações e propostas isoladas, como palestras ou cartilhas, não atingem os adolescentes, pois somente os sensibilizam, mas não colaboram para que ocorram mudanças positivas e significativas. Receitas prontas e palestras uma vez ao ano são atividades que negam a participação e o diálogo, pois, no caso, os adolescentes apenas recebem as informações, continuando com dificuldades para superar seus conflitos.

É necessário promover, organizar e planejar atividades sistemáticas que ocorram durante todo o ano letivo, mantendo um processo permanente de ação e reflexão, desenvolvendo atividades onde os adolescentes possam sugerir os temas a serem discutidos, partindo da realidade e do interesse desses adolescentes, avançando gradativamente, enriquecendo, acrescentando e construindo um conhecimento novo, sanando as dúvidas e as necessidades do grupo. As atividades em grupos, organizadas de maneira prazerosa e com a

participação dos adolescentes, discutindo de forma ativa, com questionamentos, troca de informações, de forma respeitosa, livre e enriquecedora, são uma das alternativas que se tem para trabalhar de forma emancipatória a educação sexual.

Observa-se, na fala dos adolescentes, a necessidade de pessoas em que acreditem e confiem para compartilhar seus medos e suas angústias, esclarecendo suas dúvidas, proporcionando-lhes uma liberdade com segurança, respeito e valorização para vivenciar esse processo, sem rótulo e sem moralismo. É esse compartilhamento que lhes permitirá tornarem-se cidadãos de uma forma mais crítica e mais humana.

Enfim, precisa-se de uma sólida educação sexual escolar, que resgate o adolescente de forma global e embasada no respeito e no conhecimento do ser humano como um todo, onde prevaleça a qualidade e a afetividade nas relações sociais e sexuais, discutindo e refletindo sobre os papéis sexuais, sobre os tabus, sobre os preconceitos e sobre as discriminações numa linguagem clara e humana.

## **7 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA**

Nunes (1987), afirma que:

A questão da sexualidade passa a ter maior importância hoje entre todos os educadores. Pois, na medida em que as estruturas de toda a sociedade se veem marcadas como apelo a uma sexualidade consumista e hedonista, isto é, marcadas pela busca individual de uma forma de prazer, esta característica aparece em qualquer dimensão que realmente se propõe a educar, ou apresentar criticamente toda a cultura humana. (p. 19).

Toda educação, sistemática ou não, envolve a sexualidade. Quando nós, professores ou qualquer outra pessoa, nos apresentarmos diante de uma classe, diante de uma função ou tarefa qualquer, nós nos apresentamos com toda a nossa pessoa e, dentre tantas dimensões pessoais, a sexualidade é fator fundamental. Se não compreendermos a sexualidade dessa maneira, faremos educação sexual a partir de preconceito, da fragmentação do ser humano e da consideração parcial de suas potencialidades e dimensões.

Emancipar-se significa libertar-se. Sendo assim, o caminho de uma educação sexual na perspectiva emancipatória pressupõe a busca de uma metodologia capaz de realizar uma análise da estrutura do contexto social dos indivíduos, fazendo as críticas necessárias a elas,

mas levando em consideração as bases políticas e culturais de cada sociedade, compreendendo a sexualidade como um conjunto de valores socialmente construídos, de onde é possível extrair experiências que possibilitem transformações pessoais e relacionais.

É muito importante que nós, professores e todos os que se mostram motivados a discutir a sexualidade humana e a convivência e adequação a uma dimensão pedagógica, a partir das considerações históricas da sexualidade, percebamos que a “revolução sexual” que se desdobra a partir dos anos 1960 nas sociedades industrializadas ocidentais tem como modelo as transformações ocorridas nos EUA e na Europa, sendo, portanto, modelos e matrizes que só poderão ser entendidos na medida em que entendermos a relação estrutural de exploração e de domínio que esses centros mantêm com os demais países. Essas transformações refletem o avanço das forças produtivas e das estruturas ideológicas de sua sustentação.

É preciso que compreendamos que a suposta liberdade sexual, com a qual nos deparamos atualmente, não implica necessariamente uma humanização das relações pessoais. Por mais que homens e mulheres busquem transparecer que possuem liberdade de escolha, acabam caindo em armadilhas sociais. Um exemplo é o mito do corpo perfeito, a erotização precoce, a moda vendida pela mídia, etc. Dessa forma, propor uma educação sexual na perspectiva emancipatória implica, segundo Nunes (1996 p. 227): “[...] uma profunda reflexão sobre a sexualidade de modo a elucidar suas contradições históricas, discutir suas bases antropológicas, investigar suas matrizes sociológicas e identificar suas configurações políticas”.

A sexualidade, vista como dimensão ontológica da condição humana, representará para os indivíduos a possibilidade de serem sujeitos de seu agir no mundo, sujeitos plenos, em cujas relações com o outro possam desenvolver todo o potencial de humanização e superar os dispositivos de poder e teias políticas de dominação para que “[...] homens e mulheres possam reconhecer em sua sexualidade e espiritualidade a energia mais humana, mais avassaladora, da própria condição ontológica do que seja a humanidade” (NUNES, 1996, p. 223).

Um projeto pedagógico de educação sexual emancipatória precisa fazer uma articulação entre a família e a escola. A escola não pode significar a substituição do papel da família na educação sexual da criança e/ou adolescente, mas, sim, é corresponsável. É, contudo, importante ressaltar que não existe intervenção emancipatória se não tivermos uma atitude de coerência entre nossas palavras e ações. Os valores de cada um devem ser respeitados. Discutir aspectos da sexualidade não significa a determinação ou a imposição de

uma única e específica forma de encarar a questão. Ao nível de valor, não existe o certo e o errado, o verdadeiro e o falso e, neste sentido, o confronto e a discussão de opiniões são fundamentais para que o próprio aluno tenha condições de se posicionar.

É preciso considerar e valorizar o processo de construção da identidade e da autoestima como aspectos essenciais para a aderência da cidadania. É importante que o indivíduo se compreenda como ser ativo, inserido em uma sociedade e, assim, sujeito a transformar e ser transformado a partir de processos individuais e/ou coletivos.

O corpo é outro aspecto a ser considerado numa proposta de desenvolver uma educação sexual emancipatória; este precisa ser visto como o lugar onde se manifestam todas as nossas necessidades, sentimentos, os nossos valores. Enfim, tudo o que socialmente e culturalmente fomos aprendendo ao longo de nossa vida precisa ser valorizado, respeitado, bem cuidado. A orientação sexual, além de assegurar o conhecimento das informações biológicas deste corpo, deve possibilitar, sobretudo, a conversa sobre sexo num sentido mais amplo, abrigando as emoções e o amadurecimento que sua vivência traz.

Enfim, é preciso que os professores estejam capacitados e que consigam dar possibilidade ao adolescente de estabelecer uma relação plena com a sua corporeidade, para que este se reconheça como ser livre, autônomo, capaz de escolher seus próprios caminhos, sabendo discernir qualquer tentativa de manipulação de outro.

A Educação Sexual Emancipatória pressupõe um trabalho educativo comprometido em promover a autonomia do educando, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus através da compreensão dos aspectos sócio-histórico-políticos que influenciaram na sua construção. Partindo dessa compreensão, pode-se investir na reconstrução de novos padrões para a vivência de uma sexualidade plena, que resgate a dimensão humana, o respeito e a busca do prazer sem medo e sem culpas.

Para educar sexualmente, numa perspectiva emancipatória, o professor precisa estar pré-disposto a rever velhos conceitos e preconceitos, a questionar antigos tabus, compreendendo a sexualidade sempre articulada à dinâmica de sua construção e procurando perceber o quanto ela está atrelada às relações de poder, identificando as armadilhas que se espalham pela sociedade.

O professor precisa se pré-dispor a uma reeducação da própria sexualidade, embasada em fundamentos históricos e científicos que possam desencadear práticas transformadoras. Tendo consciência de que não existe educação sexual pronta e acabada e de que esta se

encontra em constante reelaboração diante das relações estabelecidas na sociedade, cabe aos educadores evitar abordagens reducionistas, calcadas em informações técnicas de cunho médico-higienista ou biologista, que, por si só, limitam a possibilidade de mudança de comportamento e revelam a face mecânica e deserotizada da nossa sociedade.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação sexual dada aos adolescentes apresenta-se insuficiente, tanto na escola como na família; na escola permanece a ideia de transmitir conhecimentos técnicos, biologistas e higienistas que não geram mudanças de comportamentos. Nas famílias, as conversas sobre sexo restringem-se ao controle e à imposição de regras sem diálogo. Essa atitude das famílias não muda o comportamento e não atende às necessidades dos adolescentes. Essa falta de escuta por parte dos pais, no que se refere aos desejos e aos questionamentos dos adolescentes, reflete diretamente nos seus comportamentos sexuais, tais como gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, abortos, etc.

Constata-se que os profissionais da educação se sentem despreparados para trabalhar a questão da sexualidade e, ao mesmo tempo, verifica-se a necessidade de fazer um trabalho de educação sexual com os adolescentes. A família, comumente, fecha-se sem diálogo e emite comportamento de vigília e de controle repressivo para com o adolescente, justamente quando este precisa encontrar um espaço de respeito e de orientação. Dessa forma, os adolescentes, desrespeitados, sentem dificuldades em atingirem autonomia moral e independência emocional. Essa problemática da família em tratar das questões sexuais, historicamente, vem desviando o repasse de tal tarefa para a escola, que, por sua vez, encontra inúmeras limitações para trabalhar com as mesmas questões. Por isso é providencial a motivação para superar a falta de efetividade das metodologias meramente informativas, o pacto velado entre a família e os espaços educativos, as consequências de uma sexualidade genitalizada e mercadorizada de nossa cultura. Essa motivação deve almejar o “[...] deslocamento da abordagem ‘biologizante’ da sexualidade humana para uma abordagem pluralista, em busca de uma interdisciplinaridade possível” (AQUINO, 1997, p. 9).

Um trabalho de Educação Sexual, para que se torne realmente efetivo, deve abranger a família, os espaços educativos e o Estado. É preciso pensar um projeto que prepare pais, profissionais da educação e adolescentes e possa ser ampliado em nível governamental, através do envolvimento substancial da sociedade civil.

É urgente e necessária a construção de projetos de educação sexual na escola, assim como alimentar a esperança política de transformações nas bases de nossa sociedade capitalista, que poderá se efetivar através dos espaços institucionais e pedagógicos. A expectativa é a de que essa intervenção não caia em ações pontuais, mas que um dia possa ser implementada de maneira efetiva em todo o sistema educacional.

## 9 REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Guanabara, 1994.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual da criança e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. 2009. 260 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Trad. José Carlos Bruni (et al.). 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

---; SILVA, Edna. **Sexualidade(s) adolescente(s)**. Florianópolis, SC: Sophos, 2001.

---; ---. **Manifestações da sexualidade da criança**. Campinas, SP: Século XXI, 1997.

---; ---. **Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

TUCKMANTEL, Maísa Maganha. **A educação sexual: mas qual? Diretrizes para formação de professores em uma perspectiva emancipatória**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2009.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

Recebido em 20/02/2011.

Aprovado para publicação em 12/04/2011.